



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v11.989>

Resenha

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p.295.¹

*Evandro Pontel*²

*Olmaro Paulo Mass*³

Natural de Farroupilha, RS, nascido em 1962, o autor possui graduação (entre outras) em Instrumentos pela UFRGS 1980-1984 - inconclusa - incluindo formação e disciplinas e workshops nas áreas de Composição e Regência no Brasil e exterior. Graduado em Estudos Sociais (1985), em Filosofia, bacharelado, Licenciatura e mestre em Filosofia – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991). Doutor em Filosofia pela *Albert-Ludwigs-Universitaet* (Alemanha, 1994, com a tese (*Wenn das Unendliche in die Welt des Subjekts und der Geschichte einfällt - ein metaphänomenologischer Versuch über das ethische Unendliche bei Emmanuel Levinas*), tendo, posteriormente, realizado pesquisas em Amsterdam (Holanda), Leuven (Bélgica), Freiburg (Alemanha) e Kassel (Alemanha). É Professor Titular da Escola de Humanidades da PUCRS e tradutor de Franz Rosenzweig para o português. É autor de vinte e seis livros e cerca de duzentos capítulos, artigos, traduções e obras organizadas, sendo membro de sociedades científicas nacionais e internacionais e parecerista de órgãos brasileiros e estrangeiros de fomento à pesquisa. Membro-fundador do Centro Brasileiro de Estudos sobre o Pensamento de E. Levinas, da Sociedade Brasileira de Fenomenologia e da *Internationale-Rosenzweig-Gesellschaft*, entre outras

¹ Registramos o agradecimento à Isis Hochmann de Freitas pela revisão final e pelas sugestões.

² Doutor em Filosofia e Professor colaborador – Escola de Humanidades. Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PUCRS. Bolsista PNPd/CAPES.

E-mail: epontel@homail.com.

³ Doutor em Filosofia – Unisinos. [pós-doutoramento em Filosofia – Unisinos. (2019), com pesquisas em Memória, justiça e ética em Walter Benjamin e Theodor W. Adorno].

E-mail: olmaro2017@gmail.com.

instituições. É docente e pesquisador⁴ dos Programas de Pós-graduação em Filosofia e Letras (Escrita Criativa) da PUCRS.

A obra⁵ objeto da presente resenha foi indicada como finalista ao Prêmio obra do ano de 2019, pela Associação Gaúcha de Escritores (AGES). O autor presenteia-nos com uma acurada e profunda leitura crítico-filosófica da cultura ocidental. Este livro possui uma arquitetura filosófica potente e robusta, cuja conformação pode ser comparada à forma com a qual os grandes compositores delinearão suas obras e executaram-nas. Está dividida em cinco partes, dispostas da seguinte forma: 1) Bases Conceituais; 2) Éticas do Escrever; 3) Derridiana; 4) Kafkiana; 5) Ética da Estética. A partir de uma gama de pensadores que propiciam uma compreensão acurada acerca do *mundo da vida*, constitui-se, pois, como um convite ao pensar, ou seja, apresenta-nos uma leitura agradável e envolvente, fruto da sensibilidade e da ímpar capacidade de problematizar o real, a *textura do real* em suas intrincadas teias e elementos constitutivos. Essa abordagem, em sua profunda riqueza, passa por diversos campos do saber, como *uma reflexão enquanto crítica à razão idolátrica* que sustenta

[...] a *violência biopolítica* que, sob as mais diversas formas, reduz o singular a uma determinada quantidade, a um quantum meramente individual e intercambiável, alvo de todos os tipos de jogos reificantes que advêm com a possibilidade aparentemente irrestrita de transformação do mais profundo – ou do que resta de – *humano* em qualquer outra coisa, arquitetada pela hegemonia da razão ardilosa que, com suas espantosas cavilações substitui a espessura do real por conceitos manobráveis em um processo inexorável de transformação de qualidade em quantidade.⁶

A primeira parte, *Bases Conceituais*, subdivide-se em três seções, quais sejam: 1) Pensamento como crítica da violência; 2) (Dis)pensar o ídolo – responsabilidade radica no pensamento contemporâneo e, 3) O nervo exposto –

⁴ Suas áreas principais de atuação são: ética, literatura, Levinas, Adorno, Rosenzweig, Spinoza, Derrida, Bergson, Bloch, Benjamin, Agamben, Kafka, T. Mann, E. Canetti, alteridade, fenomenologia, estética, filosofia e psicanálise, filosofia e história da cultura ocidental com ênfase no século XX, questões filosóficas da criminologia, interdisciplinaridade, pensamento judaico, filosofia latino-americana, filosofia e música, temas de ética ambiental, temas de ética animal, filosofia da história, biopolítica, necropolítica, necroética, crítica da idolatria, filosofia política e justiça.

⁵ A presente obra faz parte da trilogia elaborada pelo autor que, em seu conjunto, pode ser considerada como uma síntese de seu pensamento: 1) *Ética como fundamento II – pequeno tratado de ética radical*, Caxias do Sul: EDUCS, 2016; 2) *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018; 3) *Crítica da razão idolátrica - tentativa de Thanatos, necroética e sobrevivência*, Porto Alegre: Editora ZOUK, 2020. [no Prelo].

⁶ SOUZA, R. T. de. *Levinas e a ancestralidade do mal*: por uma crítica da violência Biopolítica, p. 9. [Grifos do autor].

uma crítica da razão artilosa desde a racionalidade ética. Nessa primeira parte o autor estende o convite ao leitor para (re)pensar a forma como a(s) história(s) se constitui(em) ao longo do desenvolvimento da humanidade, e como o ser humano buscou e busca elaborar e sustentar conceitos, por meio dos quais legitima determinada visão de mundo, e o modo como tais perspectivas perfilam-se ao longo das etapas do desenvolvimento do gênero humano acabam sendo incorporadas no imaginário cultural de cada época.

A segunda parte, *Éticas do Escrever* compreende seis artigos, quais sejam: 1) Escrever como ato ético; 2) (Outro) Texto; 3) Escrever o Livro do mundo – memória como substância ética da literatura, ou: a obra literária como memória do presente; 4) Casos – vida e linguagem; 5) As frestas do mundo; 6) Visão de criança – nas bordas do testemunho (escrever) a eloquência da linguagem muda. Esse conjunto de reflexões possibilita ultrapassar a simples análise teórica das contribuições trazidas à baila, pois coloca o compromisso com o Outro, com a *memória ética*, pautado pela responsabilidade ética, em que cada palavra (ex)posta cumpre, inarredável e inadiavelmente, sua função de expressar seu sentido e sua significação. É nessa perspectiva que emerge a tarefa de *pensar enquanto exigência ética*:

o que é, hoje, escrever? Sim, a enorme ambiguidade é proposital. Não se está adjetivando ou qualificando “escrever”. Trata-se, simplesmente, de escrever – em tempos nos quais as escritas e as escrituras se aceleram, se dissolvem, se coagulam em formas inusitadas, engolem a si mesmas. [...] Será escrever hoje, de outra parte, sucumbir sob o peso da responsabilidade? Pois quem escreve em um mundo maciço, respirando continuamente as espessuras mais profundas da existência, corre logo o risco de se impregnar do imenso peso dos dias, [...] pois há sangue demais correndo pelos rios do mundo, ainda que disfarçado pelos caleidoscópios plastificados que as mentalidades instrumentais e o coro da mediocridade destilam continuamente. Como escrever sem verdadeiramente morrer?”⁷.

Essa indagação reverbera aquilo que ainda pode significar escrever em tempos ásperos e pobres de utopias, de percursos por caminhos e sendas que ainda colocam a dimensão do ainda-não, do esperar, como bem lembra-nos o autor, de esperar, manter a chama viva da esperança, mesmo diante da banalização da vida e de seu valor, a escrita que coloca-se como inscrição, mas não qualquer tipo de inscrição, mas um paradigma de inscrição que desafia o difícil exercício da memória, de se elaborar o passado, a capacidade crítico-dialética de colocar em

⁷ SOUZA, R. T. de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*, p. 9.

xeque a realidade que circunda-nos, apesar de tudo, sobretudo, uma estranha emergência congênita ao escrever, uma exigência ética que implica em uma metamorphose⁸ da própria ideia de escrita, em inscrever aquilo que ainda não teve voz, ou dar voz aos ecos das vozes que foram emudecidas, no tempo que ainda resta, no tempo de agora⁹. Assim, “Escrever é, essencialmente, um ato ético. Ele tem de permanecer após sua recepção, pois coagula em si o sentido da singularidade que a memória do presente significa”.¹⁰

Na sequência, na parte 3, *Derridiana*, compreende três seções: 1) Infinito ético: margens – um breve ensaio sobre amizades inesperadas; 2) Timpanizar o delírio – Khôra e a realidade; 3) A desconstrução da idolatria – Derrida por vir. No decorrer dessa parte coloca-se à exigência ética do diagnóstico do tempo presente enquanto abertura ao outro, ao que chega, ao diferente, o estranho que, mesmo sem que o queiramos chega, e que desinstala e embaralha determinada ordem, daquilo que dá o que pensar. Esse pensar, desde as margens, implica necessariamente levar em consideração a presença do Outro, pois “[...] é sempre cedo demais para que se possa perceber totalmente a grandeza da inauguração ética significada pela presença do tempo do Outro”.¹¹

A parte 4, *Kafkiana*, conta com três subdivisões: 1) *Kafka e Josefina, ou solidão da singularidade*, 2) *Kafka e o hiper-realismo na tensão entre realidade e irreabilidade*; 3) *Um relatório para uma acadêmica – Kafka e a compreensão da contemporaneidade*. No artigo “*kafta e Josefina, ou solidão da singularidade*” a interpretação gira em torno à figura artística da cantora Josefina, em perceber a realidade cômica de um sujeito que busca, em sua agonia, no sofrimento, uma forma de se expressar e superar a dor em seu íntimo, de uma alma que não repousa em paz. Por isso, há que se levar em conta a singularidade e a individualidade presentes nas mais variadas manifestações e significações, para superar a sua solidão e, ao mesmo tempo, a sua potencialidade longínqua de ser contraponto de sua existência e do mundo real: “trata-se de testemunhar uma espécie de solidão muito mais profunda e essencial, aquela da singularidade perdida em meio à indiferenciação, à

⁸ Nesse sentido, embora guardadas as devidas proporções, tendo-se presente que se tratam de abordagens em distintos campos dos saberes, a posição de Ulrich Beck acerca do conceito de *metamorphose* aplicado à sociologia aproxima-se visivelmente da concepção de escrita, escrever enquanto inscrição. Ver: BECK, U. *A metamorphose do mundo*, 2017.

⁹ Cf. AGAMBEN, G. *O tempo que resta: um comentário à Carta aos Romanos*, 2016.

¹⁰ SOUZA, R. T. de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*, p. 78.

¹¹ SOUZA, R. T. de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*, p. 114.

massa.”¹² A figura de Josefina representa uma espécie de voz silenciada, silenciada pela opressão, que consegue gritar, emanar uma felicidade por meio de um grito preso, permeado de angústia. Há, nesse sentido, um sentimento coletivo de uma massa calada, talvez com pouca força para resistir, pelo desencanto da vida, a música como instrumento que tira dos escombros, da garganta, o grito da esperança e o sentimento que é representado, o que possibilita que o sofrimento seja tensionado por um momento de liberdade, embora este não seja duradouro. Assim, toda a tragédia anunciada pelo corpo que traz as marcas do tempo, que ao se manifestar pela dança e pela música provoca espanto e fere a alma do observador que resiste à capacidade de ouvir, sentir e incita o sorriso forçado, mesmo não tendo a capacidade de apreciar.

Em seguida, em *Kafka e o Hiper-realismo da tensão entre a realidade e irrealdade*, Josefina, que não se conforma com sua dor silenciosa e, por isso, o seu encanto é sua manifestação artística não da beleza estética, mas desencanto que se dá na música, que possibilita uma paz em meio ao grito da dor. Por isso, é “um espantoso descompasso entre o interior e o exterior”¹³. A dor impregnada na alma é aquela que é mais forte e gera mais sofrimento e luta para sobreviver. Sua luta diária de incertezas, faz com que cada dia seja uma vitória que emerge da astúcia de um ser que implora na medida em que o silêncio se torna uma forma de opressão. O pensamento que se estabiliza, considerando o irrealizável, numa hiper-realidade, provoca desconforto e, por isso, “a estranheza apresenta-se” no momento incerto em que o contexto segue em direção ao irracional, ao impetuoso, considerado resíduo jogado às traças.

Na terceira e última seção dessa parte, *um relatório para uma academia - Kafka e a compreensão da contemporaneidade*”, duas questões merecem destaque: *o que é ser humano? o que é cultura para Kafka?*¹⁴ Estas perguntas são fundamentais para compreendermos o mito do progresso e a influência que tem sobre a vida das pessoas. Diante da perda da capacidade crítica é essencial um pensamento dialético, que visa romper com um conhecimento que legitima as experiências catastróficas presenciadas na cultura pós-guerra. Esses questionamentos permitem-nos perceber os limites de uma racionalidade técnica e

¹² SOUZA, R. T. de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*, p. 149.

¹³ SOUZA, R. T. de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*, p. 163.

¹⁴ SOUZA, R. T. de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*, p. 199.

instrumentalizada. A arte, por sua vez, possibilita trazer à tona a esperança soterrada pelos escombros de uma história que legitima barbáries.

A quarta e última parte, *Ética na estética*, compreende um conjunto de oito ensaios: 1) Sartre a ambiguidade da percepção; 2) Interpretação, texto e violência: observações sobre Freud; 3) Loucura da razão? Enzensberger sobre a tardo-modernidade; 4) Surrealismo e espírito do tempo; 5) Dialéticas – Mr. Bones atira-se ao céu: sobre Timbuktu, de Paul Auster, e um cão qualquer; 6) Estética, sombras e história – um estudo sobre as concepções estéticas de Levinas e Adorno; 7) Limbo e o morno hálito dos dias – a procura de Dulce Veiga e, 8) Abismos em trepidação – Thomas Mann e a estética dos lugares impossíveis.

No ensaio inicial, intitulado *Sartre e a ambiguidade da percepção* percebe-se um pensar estritamente ligado à sua experiência de vida e sua relação com o mundo, que influenciou diretamente sua existência como sujeito, em que a realidade humana não é exterior a si mesma, pois depende da relação com o mundo e com as coisas. A angústia, portanto, decorre de ter que fazer escolhas e opções, conforme a necessidade existencial e, por isso, são necessárias escolhas e atos, que devem ser responsáveis em vista de viver o bem. Ele, constantemente busca o sentido das coisas, dos fatos, e dos acontecimentos, porque é um ser-para-si, ou seja, alguém que se questiona, que pergunta mas, ao mesmo tempo, que se impressiona com as novas realidades e com sua própria subjetividade e individualidade.

Se no seu entendimento “*só há realidade na ação*”, a pergunta que emerge direciona-se aos fundamentos das coisas e à situação do ser humano na realidade, na sua existência, em que muitas vezes percebe-se que não têm nexos causais, não têm sentido e começam a causar certa náusea na realidade contingente. Ou seja, “a náusea permite que se perceba a profunda ambiguidade”¹⁵. Se o ser humano, é nada mais senão aquilo que faz de si mesmo, na sua relação com o mundo, a partir de suas escolhas, tem, portanto, consciência de suas responsabilidades e dos fatos que giram em torno de si, sem justificar-se e culpar os outros, ou uma realidade externa de si mesmo.

Na reflexão seguinte, *interpretação, texto e violência: observações sobre Freud*, a indagação serve de guia mestra: Até que ponto é possível dizer que uma interpretação está correta para fazer justiça à tradição? É possível, por conseguinte, respeitar o vínculo instituído por uma relação essencial entre o passado e o presente,

¹⁵ SOUZA, R. T. de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*, p. 215.

de modo especial, ante as ideologias hegemônicas travestidas e a tentativa de abarcar e respeitar as mais variadas formas de pensar? A ciência não deve ser imparcial em sua crítica e na investigação da realidade, pois precisa preservar a cientificidade na sua interpretação e na exposição. Mas, em sua crítica, conforme Freud, a religião tem um papel fundamental para a civilização humana, desde o princípio da humanidade, mas por outro lado, também foi uma forma de manipular a subjetividade humana em vista de justificar suas ações.

O ensaio *Loucura da razão?* *Enzensberger* sobre A tardo-modernidade, o enfoque central pode ser situado na questão de como a ideologia afeta as relações e as diversas formas de violências da sociedade pós-industrial, que impõem um modelo de relação de convivência. A sociedade moderna vive sob pressão econômica, na qual os indivíduos estão aprisionados e sucumbem aos ditames padronizados. Portanto, a cultura da imbecilidade conduz a história à mediocridade e a uma consciência atrofiada em si mesma, perdendo a capacidade criativa e a crítica do pensar.

Em *Surrealismo e o espírito do tempo*, evidencia-se como vivemos em tempos complexos, em que os pensamentos petrificados contrapõem-se à dinamicidade da historicidade, que nas entrelinhas da oficialidade da história, visam fazer sua crítica. Nesse sentido, a história é complexa, pois deve respeitar a causalidade e a ruptura com sua temporalidade, em vista do “rompimento traumático das lógicas da violência”¹⁶. O desafio que se coloca reside em deixar emergir uma crítica que propicie outra forma de pensar e ler a complexidade do mundo. Ou seja, “ali onde o tempo ainda não acabou, alo em cada nascimento, no encontro com improvável”¹⁷., é que o pensamento rompe com um espírito alienado.

No ensaio *Estética, Sombras e História – um estudo sobre as concepções estéticas de Levinas e Adorno*, o autor pontua que é fundamental, diante de uma *cosmovisão idolátrica*, que toca a arte, *um pensamento que consiga empreender o negativo, pois*

*nunca como agora as negatividades foram tão necessárias para iluminar, contrastivamente, as positivities verdadeiras*¹⁸, ou seja, a negatividade enquanto algo que opõe-se ao estabelecido, ou seja, contrariamente às positivities estabelecidas como verdadeiras. A arte autêntica, aquela que foge dos parâmetros da indústria cultural, carrega em si mesma um terreno fértil para contrapor o coisificado, pois é um

¹⁶ SOUZA, R. T. de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*, p. 237.

¹⁷ SOUZA, R. T. de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*, p. 245.

¹⁸ SOUZA, R. T. de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*, p. 253. [Grifo nosso].

fantasma, uma espécie de sombra, que se expressa no não-idêntico, de um mundo que naturaliza à dialética da positividade. Assim, a racionalidade da arte propicia pensar para-além-do-possível, ou seja, a “*arte é testemunha viva de uma realidade diferente*.”¹⁹

Enfim, permanece o convite à reflexão, como uma porta de entrada para entendermos o presente, aquilo que cirunda-nos, os espectros que rondam nossa época, impregnada e prenhe de violências Biopolíticas, mas também de desafiantes lampejos de esperança, de pequenos intervalos nos quais ainda há luzes intermitentes ²⁰ que, certamente, mostram que, embora as vidas nuas danificadas, permanece uma atitude de esperar, que é, precisamente, *crer no ainda-não dado*, naquilo que pode ser empreendido e concretizado, apesar de tudo, da dura realidade estatuída.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O tempo que resta: um comentário à Carta aos Romanos*. Tradução Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BECK, Ulrich. *A metamorfose do mundo*. Tradução Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução Vera Casa Nova e Marcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Levinas e a ancestralidade do mal: por uma crítica da violência biopolítica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética como fundamento II – pequeno tratado de ética radical*, Caxias do Sul: Educus, 2016.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idolátrica - tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*, Porto Alegre: Editora Zouk, 2020. [no Prelo].

*Recebido em: 21/08/2020.
Aprovado em: 24/08/2020.
Publicado em: 07/09/2020.*

¹⁹ SOUZA, R T. de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*, p. 262. [Grifo nosso].

²⁰ Cf. DIDI-HUBERMAN, G. *Sobrevivência dos vaga-lumes*, 2011.